

1 Introdução

Se alguém colhe um grande ramallete de narrativas orais, tem pouca coisa nas mãos. Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu. A pedra de toque é a leitura crítica, a interpretação fiel, a busca do significado que transcende aquela biografia: é o nosso trabalho, e muito belo seria dizer, a nossa luta.

(Ecléa Bosi, 2003a, p.69)

Este trabalho narra um percurso de pesquisa¹ pela memória do Córrego dos Januários, pequeno povoado situado à cerca de oito horas do Rio de Janeiro, na região leste de Minas Gerais, município de Inhapim.

Cheguei pela primeira vez no Córrego dos Januários em abril de 2001. Levava comigo uma câmera fotográfica e o desejo de acompanhar Maria de Lourdes Souza, a Toquinha, na desafiadora e enigmática missão de registrar casas, histórias e costumes ameaçados de desaparecer no lugar onde ela nasceu e viveu grande parte de sua vida, e que se constitui fonte de sua inspiração como escritora.

Não podia então imaginar que aquela seria a primeira de uma série de viagens às roças de Minas e que as imagens grafadas por meus olhos dariam início a um processo de recuperação da história do Córrego dos Januários, uma comunidade onde vivem os descendentes de Joaquim Januário de Souza, que fundou o povoado em 1867. A chegada da luz elétrica e da televisão, em 1984, provocou mudanças que afetaram a convivência e a troca de experiências entre os habitantes desse vale no interior das Gerais. Com isso, a memória coletiva foi deixando de ser compartilhada.

Segundo Le Goff (2003), o conceito de memória é crucial e cercado por leituras de diversas áreas do conhecimento:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Deste ponto de vista, o estudo da memória abarca a psicologia, a

¹ A pesquisa teve início em 2002 e resultou na dissertação de mestrado “Por uma estética da delicadeza: Ressignificando contos e imagens nas roças de Minas”, Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2004. Em 2005, retornei à Minas para dar continuidade como projeto de doutorado na consolidação da casa de memória e cultura do Córrego dos Januários.

psicofisiologia, a neurofisiologia, a biologia e, quanto às perturbações da memória, das quais a amnésia é a principal, a psiquiatria (p.419-420).

Na análise do autor, os desenvolvimentos da cibernética e da biologia também enriqueceram a noção de memória: “Fala-se da memória central dos computadores, e o código genético é apresentado como uma memória da hereditariedade” (Le Goff, 2003, p.422).

Nossa investigação em torno da memória e desmemória do Córrego dos Januários dialoga com o campo das ciências sociais, pois, segundo Le Goff (2003),

A amnésia é não só uma perturbação no indivíduo, que envolve perturbações mais ou menos graves da presença da personalidade, mas também a falta ou a perda, voluntária ou involuntária, da memória coletiva nos povos e nas nações, que pode determinar perturbações graves da identidade coletiva (p.421).

Em “Memória Coletiva e Teoria Social”, Myrian Sepúlveda dos Santos (2003) chama a atenção para o “pesadelo da amnésia coletiva”:

Podemos dizer que a memória enquanto aprendizado se perde no mundo da informação. A partir da substituição do artesão pelo operário de fábrica, o trabalho se reduz a atos mecânicos e repetitivos sem que seja necessário para o desenvolvimento das atividades previstas o aprendizado acumulado durante a vida. O tempo se desvincula de experiências de vida, torna-se autônomo, regulado, impessoal e passa a exercer controle sobre os passos de cada um. O fim da tradição oral e o surgimento da escrita também apontam a perda de transmissão de conhecimento e valores entre gerações. A memória, que é transmitida por textos, objetos, pedras, edifícios e máquinas, embora dê a impressão de preservar o passado em sua totalidade, reproduz apenas parte do que foi vivenciado anteriormente (p.19).

Santos (2003), ao refletir sobre a perda da memória, refere-se, em diálogo com Hannah Arendt, à perda de elos comunitários e do aprendizado contínuo que se adquire ao longo do tempo e através de vínculos pessoais.

A memória representa, para Arendt, o reverso da experiência que transcende o mundo que a constitui, pois ela é sempre a condição da inserção dos indivíduos no espaço e tempo. A memória, percepção do “agora” que se situa entre passado e presente, seria a forma de experiência que tornaria possível a ação individual responsável, aquela que tem por finalidade a defesa do bem comum (p.20).

Toquinha adverte para a amnésia coletiva que ameaça seu povoado. Ela e os moradores querem resistir à “roda-viva” de um progresso que caminha sem olhar para trás. Contra uma concepção previsível e fatalista da História, os Januários querem ter “voz ativa” e traçar outro destino. Nossa tarefa é ajudá-los, e para isso tomamos um curso de memória mais denso, profundo, em que indivíduos atuam no mundo, conscientes do lugar histórico que ocupam (Santos, 2003).

Assim, em julho de 2002 iniciei, junto com Toquinha e a comunidade, um processo escavatório buscando revolver do solo a memória e a história que parecia estar ameaçada pelo desaparecimento, mas que em toda parte insistia em deixar seus rastros. Por meio de uma estratégia teórico-metodológica baseada numa perspectiva sócio-histórica e crítica da cultura, seguia os rastros da memória, optando por um caminho que possibilitasse o encontro, a narrativa e a troca de experiências, tendo em Walter Benjamin (1892-1940) uma referência fundamental. Com Benjamin, fomos ao encontro do passado sabendo que aquilo que emerge das escavações só é possível de ser alcançado quando nosso olhar se fixa sobre o presente e entra em diálogo com os acontecimentos cotidianos.

Escavando e Recordando

Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois “fatos” nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. Ou seja, as imagens que, desprendidas de todas as conexões mais primitivas, ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso entendimento tardio, igual a torsos na galeria do colecionador” (Benjamin, 1995, p.239-240).

Ao revolver o solo dos “Januários”, buscamos a memória e a história, e para isso foi preciso evocar exatamente o que estava ameaçado de se perder: a arte de narrar.

Os conceitos de narrativa e experiência em Walter Benjamin (1994) me parecem de extrema relevância para nossas reflexões. Mas o que diz Benjamin sobre a experiência? Identificando-a como “traço cultural enraizado na tradição”, ele mostra o caráter medíocre da experiência no mundo moderno (Kramer, 1994, p.52) e adverte que “as ações da experiência estão em baixa”:

(...) Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de

forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativa de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos. Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (Benjamin, 1994, p.114).

O declínio da experiência no mundo moderno leva, segundo Benjamin (1994), ao desaparecimento da arte de narrar, pois a narrativa emerge da vida, é banhada na experiência. Há um forte elo entre a arte de narrar e a arte de trocar experiências, pois “o narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam” (Bosi, 1994, p. 84).

Segundo Benjamin, a perda da experiência está ligada à transformação dos homens em autômatos. Para romper com essa condição, o autor ressalta a necessidade da rememoração, o que “implica encontrar a História a partir das experiências e da memória fragmentadas, recuperando a capacidade do homem de torná-las comunicáveis em narrativas” (Kramer & Jobim e Souza, 2003, p.15).

Essas narrativas são “plantadas” no ouvinte, pois é na escuta que a experiência deve se enraizar. Contar histórias, alerta-nos Benjamin (1994), “sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas” (p.205).

Contudo, se a arte de narrar está em extinção, a memória individual e a coletiva também estão ameaçadas. E assim, privado de sua experiência, o homem moderno perde o fio da história, se desconecta da tradição. Nesse processo a memória vai aos poucos se perdendo, e o homem não se percebe mais parte da história, como também nos diz a psicóloga social Ecléa Bosi (1994):

O receptor da comunicação de massa é um ser desmemoriado. Recebe um excesso de informações que saturam sua fome de conhecer, incham sem nutrir, pois não há lenta mastigação e assimilação. A comunicação em mosaico reúne contrastes, episódios díspares sem síntese, é a histórica, por isso é que seu espectador perde o sentido da história (p.87).

Toquinha não aceita a desmemória como o destino de sua gente. Ela e os demais habitantes do Córrego querem contar sua história para que ela não morra. Nossa tarefa é ajudá-los, como já anunciado.

Os conceitos de experiência e de narrativa ajudam a compreender os processos culturais e educacionais e seus impasses e contribuem para práticas de formação que abram o espaço à narrativa de modo que crianças, jovens, adultos, velhos possam falar do que vivem, viveram, assistiram, enfrentaram e possam encontrar – coletivamente – sentidos perdidos, dar novos sentidos, refazer a sua própria história, reconciliar-se (Kramer, 2004, p.57-58).

Os conceitos de experiência e narrativa em Benjamin são de extrema relevância neste trabalho, mas também é importante destacar aqui seu conceito de história. Rompendo com uma visão evolucionista, em que a vida humana se movimenta em linha reta, Benjamin concebe a história baseada no entrecruzamento entre passado, presente e futuro. Assim, ele vê o passado como obra inacabada, na qual a história pode ser constantemente refeita e recontada.

Benjamin se coloca, portanto, contra o historicismo, pela história; contra a história oficial, pela reescrita de uma história que jamais vê como acabada; pelo resgate de uma memória reconstrutora das experiências significativas do passado; contra a história contínua, pelas insignificâncias; contra a ideologia do progresso e da história infinitamente repetida, por um futuro que não conheça regressão à barbárie (Kramer, 1994, p.50).

A tarefa benjaminiana traz uma dimensão política, pois o esquecimento do sofrimento do Holocausto pode levar à repetição da barbárie, à banalização do horror. O desejo de despertar a história é uma ação política para que a história não repita a barbárie, pois para Walter Benjamin (1994) “nem os mortos estarão em segurança se o inimigo vencer”:

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. (...) O dom de despertar no passado às centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer (p.224-225).

Segundo Marcio Seligmann-Silva (2003), a teoria de história em Benjamin “é sobretudo uma teoria da memória”.

Contra o historicismo – que apenas reproduz a alienação entre a experiência e o indivíduo moderno –, Benjamin reafirmou a força do trabalho da memória: que a um só tempo destrói os nexos (na medida em que trabalha a partir de um conceito forte de presente) e (re)inscreve o passado no presente. Essa nova “historiografia baseada na memória” *testemunha* tanto os sonhos não realizados e as promessas não cumpridas como também as insatisfações do *presente* (p.389).

A diminuição da convivência, o declínio da experiência e da arte de narrar estão fortemente entrelaçados em nosso contexto de pesquisa. O silenciar dos mais velhos também aparece como reflexo de uma sociedade marcada pela competição e pelo individualismo. Ecléa Bosi (1994) nos ajuda nesta reflexão:

Além de ser um destino do indivíduo, a velhice é uma categoria social pois cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico do homem. (...) Quando se vive o primado da mercadoria sobre o homem, a idade engendra desvalorização (p.76-77).

Como pesquisadora-psicóloga, coloquei-me na escuta das insatisfações narradas pelos Januários mais velhos, cujo presente se esvaziava diante de uma visão polarizada do passado, que era visto de forma ora idealizada, ora desvalorizada. E compreendi que uma “historiografia baseada na memória” dos Januários poderia revitalizar o presente. Enquanto rememoram, os mais velhos tecem uma narrativa e experimentam a alegria de compartilhar sua própria história, que está sempre ligada a uma história maior, o que possibilita ao ouvinte o contato com um outro tempo. Quando encontram uma escuta sensível, essa rememoração lhes dá sentido e engrandece não só a sua vida mas também a de quem pôde ouvi-la. Quando não há espaço para esse rememorar, quando não reconhecemos no velho o guardião da experiência, da tradição, quando ao contrário concebemos a velhice pela falta, pelo desvalor, o velho se encolhe e “este encolhimento é uma perda e um empobrecimento para todos. Então, a velhice desgostada, ao retrain suas mãos cheias de dons, torna-se uma ferida no grupo” (Bosi, 1994, p.83).

Ao transitarmos por um tempo entrecruzado, buscamos romper com conceitos padronizados, que aprisionam crianças e idosos numa perspectiva da falta, do desvalor, sendo as crianças concebidas pelo que ainda não são e os mais velhos pelo que deixaram de ser. Nessa visão, aqui criticada, o presente não dialoga nem com o passado nem com o futuro, condição essencial para que as crianças e os mais velhos se coloquem como sujeitos “da” e “na” história. Na perspectiva de tempo linear e sem desvio, as crianças ficam encarceradas no futuro, no vir a ser, enquanto os adultos mais velhos no passado, no já vivido.

Na dimensão de tempo entrecruzado, a infância, a idade adulta e a velhice deixam de ser percebidas de maneira linear para serem concebidas como

categorias sociais, históricas e culturais. Benjamin nos ajuda a pensar a relação de alteridade entre as crianças e os mais velhos, pois nos fala de uma criança produtora de cultura, que vê o mundo com seus próprios olhos, e nos lembra que o idoso é o guardião da tradição e da experiência (Pereira & Jobim e Souza, 1998).

O que se busca no Córrego dos Januários é a quebra da sina da mesmice, da impossibilidade de fazer diferente. Para isso precisamos dialogar com os mais velhos, que trazem a ponte com a memória e com a história, e também dialogar com as crianças, que possibilitam que novos sentidos estejam sempre em cena, pois “neste encontro das gerações elucida-se o enigma da vida na grande temporalidade, ou seja, a vida é repetição e transformação” (Jobim e Souza, 2003b, p.112).

Com Benjamin (1995), vamos ao encontro do passado sabendo que aquilo que emerge das escavações só é possível pela experiência do presente. Para além de dados e informações, as escavações nos remetem ao encontro com a linguagem, possibilitando a construção de uma perspectiva crítica e a ressignificação de um passado que, ao dialogar com o presente, o ilumina e o faz transformar, “entregando aquilo que recompensa as escavações” (p.240). A imagem de uma “arqueologia da memória” nos inspirou em nossa construção metodológica na qual compreendemos, com Seligmann-Silva (2003), que

O arqueólogo benjaminiano não sai mais leve do seu trabalho de escavação nas ruínas do tempo. Mas é a partir dos seus achados - dos torsos aí descobertos - que ele constrói a sua morada do presente e entrevê a do futuro (p.408).

Todo esse processo de “escavar e recordar” envolveu a realização de oficinas de fotografia e memória com o objetivo de construirmos, junto com os habitantes do Córrego dos Januários, um acervo de “contos e imagens” para assegurar o registro da história do povoado. Como pesquisadora-arqueóloga, procurei escavar aquelas terras não só em busca da memória, mas também tentando compreender o que levava o Córrego a ter ameaçados de extinção valores e costumes que marcavam a sua identidade.

É no resgate do princípio da alteridade que essas narrativas foram se construindo no Córrego dos Januários, onde o abismo entre crianças, adultos e os mais velhos foi sendo entremeado de histórias, partilhas de tradições, risos, cantigas de roda... As diferentes gerações se encontraram, construindo uma

subjetividade permeada pelo intercâmbio de seus diferentes olhares e saberes, no qual a alteridade de cada um não só é valorizada mas também compreendida numa perspectiva mais ampla, e o fortalecimento da identidade se dá nas dimensões singular e coletiva:

(...) o diálogo do adulto com a criança depende, num certo sentido, do diálogo do adulto com seu passado, sua infância. Mesmo as histórias primeiras, as histórias da nossa infância, só existem como relatos trazidos por outrem. Aquilo que ouvimos sobre nossa infância torna-se nosso passado. Portanto minha própria história é construída e partilhada por elementos que estão presentes na memória de outra pessoa. Nesse sentido, não só a memória é uma prática social como a identidade é construída entre sujeitos. Cada história individual está inevitavelmente enredada em várias histórias, formando a dimensão coletiva de cada existência pessoal (Pereira e Jobim e Souza, 1998, p.40).

Reverenciar a sabedoria e a experiência dos mais velhos possibilitou que essa alteridade fosse ouvida. É exatamente essa rememoração que buscamos no Córrego dos Januários, ouvindo as histórias dos mais velhos; narrativas que, como lindamente nos lembra Bosi (1994), assemelham-se a uma obra de arte:

Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la, é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual (p.82).

O inconformismo de Toquinha diante da ameaça do desaparecimento das histórias de sua gente deu início a todo esse processo. Da produção das imagens e das histórias escavadas e criadas coletivamente surgiu o desejo de construirmos uma casa de abrigo das memórias. Um lugar que servisse para acolher os verdadeiros tesouros que permanecem depois da vida breve, e que são as pistas deixadas para que as novas gerações possam dar continuidade às suas e às nossas histórias. Em um mundo cada vez mais pleno de “não-lugares”, onde as materialidades se deslocam e desaparecem com muita rapidez, mais do que nunca é necessário perseverar, criar lugares onde as coisas, as imagens, as palavras, os pensamentos possam ter sua morada, um lugar onde as materialidades criadas pelos homens possam habitar o futuro. Assim, a Casa de Memória e Cultura do

Córrego dos Januários foi idealizada com o objetivo não só de abrigar acervos de palavras, imagens e pensamentos, mas também de ser um espaço de convivência e de novas possibilidades de criação coletiva, de encontro em torno das múltiplas possibilidades de narrativas e materialidades que ali se revelaram, por meio da fotografia, da história contada, da história escrita, da música, dos sanfoneiros, dos violeiros, da culinária, das brincadeiras, do teatro e muito mais...

A Casa de Memória e Cultura pretende ser principalmente a morada da imaginação e dos desejos dos habitantes do Córrego dos Januários, mas também a morada das histórias dos forasteiros que por lá cruzarem, deixando suas lembranças, transformando seus sonhos e experiências em histórias dignas de serem contadas para as próximas gerações.

Ao longo de todo este trabalho, procuraremos narrar todo o processo de elaboração e consolidação da Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários, inaugurada no dia 30 de agosto de 2008. A escritura deste texto se processa na busca de construção de conhecimento que tem como método o desvio, como nos diz Benjamin (1995):

Sinal secreto: Transmite-se oralmente uma frase de Schuler. Todo conhecimento, disse ele, deve conter um mínimo de contra-senso, como os antigos padrões de tapete ou de frisos ornamentais, onde sempre se pode descobrir, nalgum ponto, um desvio insignificante de seu curso normal. Em outras palavras: o decisivo não é o prosseguimento de conhecimento em conhecimento, mas o salto que se dá em cada um deles. É a marca imperceptível da autenticidade que os distingue de todos os objetos em série fabricados segundo um padrão (p.264).

Seguindo o caminho benjaminiano do desvio como metodologia, buscamos produzir um conhecimento que se tece na interação com o outro, que não é estático, linear, mas que ao contrário se sabe inacabado, impermanente e sempre aberto a novos sentidos. Para isso não podemos esquecer o olhar alegórico, aquele que não se fixa em padrões ou formas habituais de ver as coisas da vida, mas que se abre ao desvio, à busca de novos significados. Um olhar que está livre para ressignificar-se a si mesmo, ao outro, às múltiplas instâncias da vida, pois, “na alegoria, o elo com o significado é fruto de uma laboriosa construção intelectual e remete sempre a uma pluralidade de possíveis interpretações” (Jobim e Souza, 1997, p.340).

Tomando como imagem alegórica o córrego/rio ao longo de todo o percurso de memória pelo Córrego dos Januários, iniciamos o capítulo 1 com um enunciado: “Por um rio de memória”. Neste capítulo, é narrado como conheci Maria de Lourdes Souza e como cheguei a Minas Gerais. Vamos, em diálogo com Walter Benjamin, Maurice Halbwachs (1877-1945), Ecléa Bosi, Michael Pollak (1948-1992), Hannah Arendt (1906-1975) e Mikhail Bakhtin (1895-1975) “descobrir” a história, por meio de oficinas que propiciam o encontro entre crianças e adultos, e tecendo uma análise desse material escavado no processo de construção da Casa de Memória e Cultura em diálogo constante com os Januários.

No segundo capítulo, a dicotomia entre cidade e roça emerge, e com a interlocução de Boris Kossoy, a experiência com a fotografia se apresenta como uma intervenção do olhar. Caracteriza-se a estratégia metodológica utilizada como uma modalidade de pesquisa-intervenção. Com base nos autores indicados, situa-se a presença do pesquisador no campo como sujeito da experiência (Larrosa, 1998). O sujeito da experiência é aquele que se deixa afetar pelo encontro com o outro, buscando não só compreendê-lo, mas também aprender com ele. Portanto, nosso trabalho se dá no entrelaçamento de imagens e narrativas. E é na interação imagem-palavra e palavra-imagem que buscamos romper com a busca de um sentido fixo para o que vemos, propondo uma metodologia que, ao contemplar as perspectivas dialógica e alteritária, se dá conta, permanentemente, de que o sentido é construído “com” o outro e não “sobre” o outro.

O pesquisador sujeito da experiência não abre mão do rigor nem do encontro com o enigma, com a surpresa, com o inesperado durante sua incursão no campo. É nessa tensão que ele/nós caminhamos. O conceito de rigor aqui também se sustenta no acolhimento do inesperado, na fidelidade ao estranho, ao bizarro, aquilo que a lógica estritamente racional pede para descartar. Pois em nosso caminhar em desvio optamos por construir um conhecimento em diálogo com a experiência sensível, capaz de abarcar outras lógicas nem tão lineares nem previsíveis. Ainda neste capítulo, nos deparamos com uma dimensão onírica em nossa perspectiva metodológica. Nesse processo nos encontramos com o Rio de Janus, um rio de memória bem mais profundo do que poderíamos imaginar.

No capítulo 3, intitulado “Carta para-ti: o rio que corre”, narramos nossa experiência com o “Carta para-ti”, um projeto de memória itinerante que se revelou não só uma estratégia teórico-metodológica essencial para consolidarmos

a Casa de Memória e Cultura, mas também nos mostrou o quanto um córrego pode se alargar ao correr para águas mais distantes.

“O Córrego de Histórias: a Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários” é o título de quarto e último capítulo. Aqui, será dado enfoque ao trabalho desenvolvido em parceria com o professor Luís Vicente Barros, do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio, com apoio da Vice-Reitoria Comunitária da mesma instituição. Este capítulo tem como assunto o processo de preparação da casa envolvendo o professor Vicente Barros e a comunidade, assim como uma discussão dos arcabouços teóricos que alicerçam a Casa de Memória e Cultura. Nesse cenário, Paul Ricoeur (1913-2005), Paul Thompson, Mario Chagas e Myriam Sepúlveda dos Santos são alguns dos autores que nos acompanham.

Entre os conceitos principais que atravessam todo o percurso deste trabalho está o de testemunho, partindo dos estudos de Jeanne Marie Gagnebin e Marcio Seligmann-Silva. Ainda no capítulo 4, narra-se o grande dia da inauguração da Casa de Memória e Cultura e onde estarão em foco alguns depoimentos que se mostram testemunhos de um momento especial na história não só do Córrego dos Januários mas de todos nós que participamos dessa jornada.

“O rio quer chegar a ser mais grosso, mais fundo”, nos diz João Guimarães Rosa (2001). Por isso, nossa narrativa é atravessada por um percurso labiríntico, em que também os sonhos fazem andar. A pesquisadora, em diálogo com Michael de Certeau (1925-1986), Walter Benjamin, Maurice Halbwachs e Michael Pollak, se arrisca a navegar por um rio subterrâneo, de memórias recalçadas, de rastros e restos que resistem...

Este é um texto polifônico, no qual sem dúvida coexistem múltiplas vozes². Como pesquisadora-narradora, tento encarnar uma tecelã de imagens³ e palavras. Assim, é importante destacar que as vozes do Córrego dos Januários participam intensamente deste mosaico. Este trabalho, como já disse, narra um percurso de memória. Convido agora você leitor a me acompanhar por essa travessia.

² Ao longo de toda a narrativa alternarei o “eu” e o “nós”. Em muitos momentos, trata-se de um percurso onde a singularidade da pesquisadora se coloca. Em outros, o uso da primeira pessoa do plural é mais adequado na medida em que expressa mais fielmente a parceria com Toquinho e os “Januários”, assim como reflete a presença das idéias discutidas com Solange Jobim e o membros do GIPS (Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Subjetividade) ao longo da construção teórico-metodológica que fundamentou todo o processo de pesquisa-intervenção.

³ É importante destacar que todas as fotos que estão sem crédito foram feitas pela pesquisadora.